

Os novos rumos de Fernando Henrique

Ed Ferreira/AE

O presidente quer uma vida pública 'com certa visibilidade' e um pé no exterior, sem viajar demais

MELCHIADES CUNHA JÚNIOR
Especial para o Estado

BRASÍLIA – O tédio, a solidão e o ócio não farão companhia a Fernando Henrique Cardoso nos próximos anos. Poliglota – fala inglês, francês, italiano e espanhol com desenvoltura –, dono de um rico currículo acadêmico, de convívio ameno e de invejáveis relações com gente muito importante em todo o mundo, o futuro ex-presidente estará aliando, ao seu talento de professor, a experiência de ter governado por oito anos um país complexo e cujo papel se adivinha cada vez mais relevante no cenário internacional. Daí o assédio que vem sofrendo para continuar usando seu verbo e escrevendo seus textos, o que é certamente um repelente para afastar estados de espírito malfazejos que costumam atacar aqueles que deixam o poder. O presidente tem, porém, um problema pela frente: decidir sobre quais das propostas de trabalho que recebeu irá aceitar. E são muitas, entre elas a de ministrar cursos e palestras em universidades européias e americanas.

Mas isso é apenas uma parte da agenda que se abre para o seu futuro. Ele foi convidado, e aceitou, ser co-presidente do Diálogo Interamericano – uma instituição com sede em Washington, da qual foi co-fundador, o que o obrigará a ir duas vezes por ano à capital americana. Aceitou, também, ser presidente do Clube de Madri – uma organização de ex-chefes de Estado, sobretudo europeus, ligada à Fundação Gorbachev e à Fundação Friede, da Espanha. E, em sua recente visita a Nova York, acertou com o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, sua missão como special adviser, ou seja, de conselheiro especial do organismo mundial. O convite fora feito por Kofi Annan há meses, quando se encontraram na África do Sul. Na ocasião, respondeu que se fosse uma missão político-intelectual, aceitaria. Mas, se fosse burocrática, não. “Eu não quero mais ser funcionário. Passou a época disso”, justifica.

É sobre o seu futuro político, o presidente põe ênfase no que diz: “Eu tenho dito, insistentemente, que estou me programando para ter uma posição de ex-presidente, não de futuro candidato. E isto é verdade. Estou me preparando para ter uma vida pública, até com certa visibilidade política, mas não política partidária ou eleitoral. Não que eu vá me encolher, mas não quero estar no debate do dia-a-dia. Vou continuar sendo presidente honorário do PSDB.” E sublinha, precavido: “Agora, também não há nenhum ex-presidente reeleito por moto próprio. Getúlio só disputou uma eleição democrática, em 1950.”

Convites – O presidente esclarece onde poderá ser encontrado nos próximos anos. No dia 1.º de janeiro, ele viaja para a Europa, onde acertará os detalhes sobre as propostas de trabalho que já recebeu. Ele tem convites da London School of Economics and Political Science, para uma estada de dois a três meses por ano; da Universidade de Salamanca, na Espanha; e da Universidade Européia de Florença, na Itália. Nos Estados Unidos, as propostas são da Universidade de Harvard, em Boston; da Universidade de Brown, em Rhode Island; e da Universidade de Columbia, em Nova York. “Agora, eu não quero morar fora do Brasil por muito tempo. Estou negociando com essas instituições para ver qual delas me oferece condições de atuar como profissional at large, cuja obrigação é passar lá um cer-



FHC em seu gabinete, no Palácio do Planalto: “Agora, eu não quero morar fora do Brasil por muito tempo. Estou negociando com as instituições para ver qual me oferece condições de atuar como profissional at large, cuja obrigação é passar lá um certo período do ano”

to período do ano. Pode ser um mês, dois ou três.”

O trabalho nas universidades será remunerado. O mesmo não ocorrerá na ONU, no Diálogo Interamericano e no Clube de Madri, onde terá apenas a viagem e a estada pagas. Mas o presidente poderá reforçar sua receita com as palestras e as conferências que irá proferir pelo mundo afora. “Eles pagam bem, mas não tenho a pretensão de ser tão bem remunerado como o Clinton, por exemplo”, ele brinca.

Dois livros – Mas há um convite que está exercendo uma atração especial no presidente, o da Biblioteca do Congresso americano, em Washington. “Eu terei liberdade para fazer o que quiser, como escrever. Você tem a biblioteca à sua disposição e um salário. É um ambiente ideal para eu poder escrever meus livros. O problema é saber como vou dividir meu tempo, de uma maneira que possa organizar também as coisas aqui.” Ele está se referindo ao Instituto Fernando Henrique Cardoso, ao qual pretende dar uma atenção especial (ver matéria na página ao lado). Os livros a que se referiu são dois, a serem publicados pela Editora Record. Para tanto, já recebeu parte dos direitos autorais, que usou para completar o pagamento do novo apartamento em que irá morar em São Paulo, na Rua Rio de Janeiro, em Higienópolis, o mesmo bairro onde reside há anos.

“Vou levar para a Europa uma mala de livros (Maquiavel, Tocqueville), olhar o que Marx dizia sobre política e depois rebater com experiências concretas aqui”

Um dos livros já tem título: *A Arte da Política*. “Vou levar agora para a Europa uma mala de livros para ler os clássicos – Maquiavel, Tocqueville, Weber – e revisitar Marx, olhar o que ele dizia sobre política e depois rebater com experiências concretas aqui.” Neste livro, Fernando Henrique analisará também a discussão sobre a Reforma da Previdência. “O que aconteceu? É verdade, como diz Maquiavel, que o mal se faz de uma vez e o bem aos poucos?”

O outro livro, ainda sem título, será sobre as chances que tem um país como o Brasil na globalização. “O que é essa globalização passada a limpo?”, ele irá se perguntar. O presidente também irá rever, para reedição, cinco de seus livros.

A última noite no Alvorada – Durante esta entrevista ao Estado, a água e o café foram servidos regularmente, sem atraso no pedido. Isso não significa que o ambiente no Palácio do Planalto seja o mesmo que nos primeiros dias da era FHC. Há uma certa melancolia no ar, percebida sobretudo entre os auxiliares do presidente. E ele faz uma revelação que surpreende seu entrevistador. Passa a última noite de seu governo no Palácio da Alvorada.

E explica: “Nós estamos vivendo uma situação muito peculiar no Brasil, porque o presidente Lula é meu hóspede. Ele está vivendo na Granja do Torto, que é também

uma residência oficial do presidente. Eu acho isso uma coisa simpática. Como eles (Luiz Inácio Lula da Silva e sua mulher, Marisa) já estão no Torto, eu posso ficar até o último dia no Alvorada. Minha idéia era sair do Alvorada para eles ocuparem. Mas como já estão acomodados, eu vou ficar até o último dia. Nossas coisas pessoais, minhas e da Ruth, tudo isso já está indo embora. Vou ficar num depósito em São Paulo. Durmo no Alvorada no dia 31, no dia 1.º venho para cá (Palácio do Planalto), recebo os chefes das missões estrangeiras que virão para as solenidades e, à tarde, depois da posse no Congresso, transfiro a faixa presidencial para o meu sucessor.”

Fernando Henrique faz outra revelação, também surpreendente. Uma lei, de 1972, obriga o presidente a deixar Brasília no mesmo dia em que entrega o cargo.

“Eu não sabia disso, mas não é em função dessa lei, que é um pouco abstrusa, que eu vou sair daqui. Eu passo a faixa para ele. Acabou. E aí eu vou embora: Brasília, Cumbica, Charles de Gaulle (o aeroporto de Paris).”

Em Paris, deve ficar de dois a três meses hospedado no apartamento do amigo Jovelino Mineiro. Da capital francesa, irá a Londres (para conversar com o pessoal da London School) e a Madri (para conversar com José Maria Aznar). Além da participação no Clube de Madri, o primei-

ro-ministro espanhol propôs a Fernando Henrique que se encarregasse de reorganizar os encontros de cúpula ibero-americanos. Deve ir também a Portugal e à Itália. É quase certo que as primeiras semanas francesas sejam passadas em local incerto e não sabido, no interior do país.

Sem nostalgia do poder – Como é que Fernando Henrique vai se sentir depois de entregar a faixa presidencial? Ele diz que está cansado de ouvir esta pergunta – que não partiu, porém, de seu entrevistador. Mas talvez porque a temesse, saiu na frente: “Eu acho que vou me sentir bem, porque embora tenha exercido com satisfação a Presidência, é muito limitada a vida de um presidente. É muito vigiada, digamos assim. O sentimento de privacidade é muito pequeno.”

Nestes últimos oito anos, os encargos da função o impediram de cultivar alguns hábitos. O pôquer, por exemplo, só nas viagens internacionais, tendo como parceiros diplomatas da comitiva. Antes, as rodadas eram habituais no sítio de Ibiúna. “Eu jogava com o Boris (Fausto), com o Juarez (Brandão Lopes), com o Pedro Paulo (Popovic) e com a Maria Helena Gregori. Mas eu jogo baratinho, 40 reais o cacife.”

Contudo, o presidente se lamenta por jamais ter tido a sensação mágica de fazer, no pôquer, um royal straight flush – a sequência máxi-

ma, imbatível (dez, valete, dama, rei e ás, todos de ouro). Informado de que seu entrevistador já tivera essa sensação por três vezes, ele ri e adianta: “Então, eu nunca vou jogar com você. Desista da idéia de me ter como parceiro.”

Outras revelações – O presidente também se queixa de não ter tempo para ler ficção. “Leio pouca ficção atualmente, mas já fui grande leitor. Um livro que me deixou fascinado foi o do Vargas Llosa, *A Festa do Bode*. Mas eu tenho que ler tantos jornais, revistas, artigos que me mandam de todo o mundo... Eu leio jornal um pouquinho de manhã e um pouquinho depois do almoço. Os jornais hoje dizem mais ou menos as mesmas coisas. Então, você tem que ler o editorial. Se você ler um dos bons jornais, basta ler o editorial e os comentários assinados. Como eu tenho aquela maquininha ali (aponta para o computador na sua mesa de trabalho, ligado na Broadcast – um dos serviços da Agência Estado), fico sabendo de antemão as notícias que os jornais vão publicar no dia seguinte. Eu vejo o dia inteiro isso aí. É um vício perigoso.”

O presidente continua com suas revelações. “Ao contrário do que todo mundo pensa, eu gosto muito mais da administração do que da política. Eu participo de muitas reuniões. Outro dia eu até disse ao Lula: ‘Lula, você está dizendo aí que eu não faço reuniões do ministério. Primeiro, não é certo isso, porque eu faço, mas faço poucas, porque reunião você faz todo dia com os ministros. O governo funciona aqui em câmaras setoriais.’”

Há, é claro, os ministros mais próximos, com quem mantém uma relação especial, como Pedro Malan, da Fazenda, e Pedro Parente, da Casa Civil (ver na página ao lado). Para não ser mal interpretado, o presidente cita outros nomes, de ministros e ex-ministros, com quem também conversa muito: Paulo Renato, Celso Lafer, Sérgio Amaral, Euclides Scalco, José Serra, Pimenta da Veiga, Luiz Felipe Lampreia, Raul Jungmann... E explica que ouve muito o chamado segundo escallão. “O segundo escallão é fundamental. O secretário-executivo é quem toca a máquina. O Brasil tem uma burocracia que melhorou muito, porque nós trouxemos de volta os técnicos e demos valor a eles.”

As finanças presidenciais – O presidente não se tornou, nunca foi um homem rico. Mas sempre foi de gastar pouco. Dizem até que é um pão-duro de marca maior. Ex-presidentes não têm direito a qualquer pensão em dinheiro. Ele não tem aposentadoria como senador, porque com a mudança da legislação optou por receber as contribuições de volta. O dinheiro apurado aplicou em poupança, que retirou para empregar na reforma do novo apartamento. A casa que tinha na Rua dos Ingleses foi vendida para abater a dívida, bem como o apartamento da Avenida Higienópolis, comprado pelo médico Drauzio Varela. O apartamento da Rua Maranhão, onde mora, está à venda, ou poderá ser negociado com quem lhe vendeu o apartamento da Rua Rio de Janeiro. Isto dá a entender que ele ainda tem dívidas pela compra da futura moradia.

“Eu tenho que começar a tomar pé da minha vida”, diz. “Em primeiro lugar, minha vida pessoal. O que eu tenho? Tenho a aposentadoria da USP, e a Ruth também. Isso, somado, deve dar uns R\$ 11 mil, uma coisa assim. Dá para viver sem muita folga, mas dá para viver. Tenho este apartamento e a minha chácara em Ibiúna. Não tenho mais nada, e nem quero ter. Obviamente, eu preciso ter mais recursos para poder receber gente, viajar, essas coisas. Não é difícil, só que vou ter que trabalhar.”

“Embora tenha exercido com satisfação a Presidência, é muito limitada a vida de presidente. É muito vigiada. O sentimento de privacidade é muito pequeno”